14876 - Quintais Agroflorestais, ampliando conceitos e perspectivas no sul do Brasil.

Backyards Agroforestry, expanding concepts and perspectives in southern Brasil.

BROLESE, Lisiane¹;

¹PGDR/UFRGS, lgbrolese@gmail.com

Resumo

Este texto traz, parcialmente, um debate proposto por uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). O trabalho desenvolvido com três famílias de agricultores de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, discute aspectos socioculturais e relacionados à agrobiodiversidade em Quintais Agroflorestais. Neste texto, porém, a abordagem é direcionada aos conceitos utilizados para estas compreensões, bem como nas possibilidades de ampliação dos mesmos, afirmando a existência e importância dos Quintais Agroflorestais no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: agroecologia; aspectos socioculturais; sistemas agroflorestais;

Abstract:

This text presents, in part, a debate proposed by a research developed in Postgraduate Program in Rural Development (PGDR / UFRGS). The work with three families of farmers from different regions of Rio Grande do Sul, discusses aspects sociocultural and related to agrobiodiversity in Backyards Agroforestry. In this text, however, the approach is targeted to the concepts used in these understandings, as well as the possibilities of expansion thereof, affirming the existence and importance of Agroforestry Backyards in Rio Grande do Sul.

Keywords: agroecology; aspects sociocultural; agroforestry;

Introdução

O texto que segue pretende trazer um debate em relação aos conceitos relacionados aos Quintais Agroflorestais (QAFs), problematizando-os no intuito de demonstrar a complexidade destes agroecossistemas.

O termo quintal origina-se de *quintanale*, do latim vulgar, e designa terreno aberto adjunto a uma casa. No dicionário consta a definição de “terreno nos fundos das casas, onde pode ser plantada pequena horta ou árvores frutíferas.” (MICHAELIS, 2012). Pesquisas relacionadas à segurança alimentar e à agrobiodiversidade contextualizam o Quintal como o terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, e acrescenta que são nestes locais onde se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos como lenha e plantas medicinais (BRITO; COELHO, 2000).

Desenvolvimento

O conceito de Quintal Agroflorestal é mais específico. Sendo um tipo de Sistema Agroflorestal, carrega consigo definições que preveem combinações entre espécies arbóreas e arbustivas de ciclo médio e longo com espécies agrícolas de ciclo curto, como hortaliças, plantas ornamentais, medicinais e condimentares, frutas, plantas para proporcionar sombra, fibras e madeira, em áreas relativamente pequenas,

adjacentes à moradia. Dubois (2007) refere-se ao espaço mais ligado à moradia e às mulheres, com grande importância cultural, social e ambiental (DUBOIS, 2007).

Nair (1993) sugere que o nome mais adequado – em inglês – é *home gardening*. Este autor, que desenvolve pesquisas há pelo menos 30 anos relacionadas ao desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais em regiões tropicais e subtropicais, afirma que os *homegardens* são uma das formas mais antigas de manejo agrícola, possuindo longa tradição nas regiões tropicais e consistem de uma reunião de plantas, incluindo árvores, arbustos, trepadeiras e plantas herbáceas crescendo adjacentes às casas. São plantados e mantidos pelos membros da casa e seus produtos são principalmente para consumo próprio.

Nesta perspectiva Gliessman (2000), entre outros autores, cita os *huertos domesticos* como um tipo de Sistema Agroflorestal com grande complexidade e diversidade, onde as árvores desempenham papéis ecológicos básicos e há a integração entre o homem, aspectos de fauna e flora, solo e água, sendo provavelmente um dos mais interessantes tipos de agroecossistemas e dos quais temos muito o que aprender (ALISON, 1983; NINEZ, 1985 *apud* GLIESSMANN, 2000). Ainda segundo estes autores, Quintais Agroflorestais costumam ocupar áreas que variam de 0,05 ha a 2,0 ha e sempre íntimos à moradia.

A Permacultura¹, classifica este lugar que chamamos de QAF como a “Zona 1”, o chamado “Sacolão” onde são cultivadas espécies comestíveis e energéticas, em sistema de plantio denso e diversificado. Compreende a área mais próxima da casa, em que há visitas diárias e onde estão normalmente a horta, as ervas culinárias, alguns pequenos animais e árvores de uso frequente. Além disso, podem abrigar um viveiro de mudas e também servir para o armazenamento de alimentos e ferramentas (MOLLINSON; SLAY, 1991). Vivan (1998), também propõem um zoneamento, utilizando como parâmetros principais a intervenção na mata nativa e intensidade de manejo. Neste caso, os Quintais Agroflorestais pertencem a “Zona 5”, que possui percentuais de intervenção entre 80 e 100%, demonstrando alta interação das pessoas com o espaço. Como se vê, ainda que a numeração das zonas não seja a mesma, o sentido que se dá a elas é muito semelhante.

Dentro da “Zona 1” (MOLLINSON; SLAY, 1991), ou “Zona 5” (VIVAN, 1998), além da diversidade de arranjos verticais, configurada pelos diferentes estratos e estágios de sucessão, também podem ser percebidos diferentes agrupamentos, definidos como ‘zonas de manejo’². São arranjos horizontais que representam distintos desenhos organizacionais, espaciais e estéticos (AGUIAR, 2011). Eles dizem respeito à organização dos componentes dentro do sistema QAF. Nesta perspectiva, Gamero *et al.* (1996), identificaram em QAFs na Nicarágua, 10 zonas de manejo: Moradia; Arbustos com sombra arbórea; Cultivos comestíveis; Árvores frutíferas; Ornamentais com sombra artificial; Ornamentais com sombra de cultivos; Ornamentais com sombra arbórea; Cultivos não comestíveis; Plantas para construção; Outros usos (espaço de trabalho ou armazenamento de produtos).

1 Definida como design de comunidades humanas sustentáveis, uma filosofia e uma abordagem de uso da terra envolvendo aspectos de microclimas, vegetais, animais, solos, água e necessidades humanas em uma teia organizada de comunidades produtivas e se organiza em diferentes zonas de produção e manejo (MOLLINSON; SLAY, 1991)

2 Nos capítulos 4 e 6 apresento e discuto, respectivamente, as zonas de manejo identificadas nos QAFs deste trabalho.

Uma característica marcante dos QAFs é sua produção voltada, normalmente, para o autoconsumo. Mesmo que esta seja uma característica das dinâmicas do campesinato (relação íntima da produção e do consumo) existem outros tipos de agroecossistemas, além dos QAFs, que possuem como característica marcante o autoconsumo.

No México, por exemplo, lembramos das Milpas, áreas onde se produz e seleciona variedades de milho, juntamente com outras diversas espécies vegetais cultivadas desde os tempos dos Maias e incrementadas com espécies exóticas adaptadas. Nestas situações, muitas vezes estas espécies são de hábito arbóreo e florestal e estão no sistema com a função, entre outras, de contribuir com maior ou menor insolação, sendo vistas não como um produto a ser colhido, mas como um benefício ao que é produzido.

Como vimos anteriormente, são diversos os termos utilizados para definir estes espaços em outros países e mesmo no Brasil. Muitos autores utilizam como sinônimos os termos Quintal, Horto Caseiro e Quintal Agroflorestal. Já os agricultores utilizam, normalmente, outras nomenclaturas. De forma geral, e sem a intenção de uma definição exata que poderia homogeneizar uma diversidade que é inerente ao QAF, as diversas conceituações giram em torno de que são sistemas que representam associações multiestratificadas de diversas árvores e culturas anuais e/ou ainda animais domésticos com forte relação com o domicílio (KUMAR; NAIR, 2006). No Brasil e no mundo, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos sobre Quintais Agroflorestais, principalmente nas regiões tropicais. No Brasil, é nas regiões norte (FREITAS *et al.* 2004; LIMA; SARAGOUSSI, 2000;) nordeste (FLORENTINO *et al.* 2007) e centro-oeste do país (AMARAL, 2008; AMOROZO, 2002; BRITO, 1996) que a maioria dos trabalhos vem sendo desenvolvidos. Kumar e Nair (2006) organizaram um levantamento bibliográfico onde 135 estudos realizados entre 1990 e 2003 foram selecionados a partir de diferentes fontes (banco de dados científicos, censo de agricultura, conhecimento dos autores).

Pôde-se observar neste levantamento, a concentração destes estudos nas regiões tropicais. No Brasil, nas regiões sul e sudeste estes estudos têm menor relevância e embora nos últimos anos tenham aumentando as atenções sobre estes espaços (BERETTA, 2010; GOMES, 2010; LACERDA, 2008; MUNIZ, 2011) e colocado as regiões no 'mapa dos quintais', a grande maioria destes trabalhos foca na diversidade genética e no conhecimento associado a ela. Abordam aspectos da agrobiodiversidade, principalmente nos dois primeiros níveis – diversidade de espécies e de variedades - citados anteriormente, e se apoiam para isso em métodos quantitativos de pesquisa, com raras exceções. Nair (2001) menciona que estas listas (imensas) de espécies encontradas em QAFs são importantes e interessantes, mas não bastam para compreender os sistemas, menos ainda quem os maneja.

Sem desmerecer a importância destes trabalhos, a impressão é que a maioria dos estudos, deixam escapar a própria 'gente' que os maneja. É comum, infelizmente, que nos campos disciplinares das ciências agrárias e biológicas, os olhares dos estudiosos não se direcionem aos agricultores e ao fato de que eles possuem lógicas decisivas nos manejos, que não são apreendidas em levantamentos botânicos, sistemáticos e edáficos, entre outros. Nos escapa normalmente, as lógicas, crenças e motivações que as pessoas mobilizam ao manterem estes espaços, o que é de

fundamental importância, mais ainda porque mantê-los não tem sido – nestes tempos – prática das mais comuns.

Assim, estes lugares que têm relevância em diversos aspectos - agrobiodiversidade em seus diferentes níveis, autoconsumo e segurança alimentar, geração de renda e outros - vêm sendo problematizados com mais força na medida em que estão desaparecendo (DUBOIS, 2007). A ofensiva contra estes espaços, causando seus desaparecimentos, ocorre principalmente em função do avanço dos cultivos de *commodities* e empreendimentos imobiliários (informação verbal³). Com isso, importantes materiais genéticos que foram trazidos pelos imigrantes europeus e afrodescendentes e integrados aos cultivos indígenas locais, variedades selecionadas e adaptadas ao longo de centenas de anos, podem estar se perdendo. Vivan (2003) lembra a importância histórica dos QAFs, onde o entrelaçamento entre os saberes indígenas com os africanos, os europeus e seus descendentes pode ser visto nas plantas que habitam ainda hoje os Quintais Agroflorestais que resistiram.

Os agroecossistemas tradicionais e os saberes desenvolvidos em seus manejos, continuam sendo destruídos pelo processo de modernização da agricultura. Os QAFs, normalmente direcionados à produção para o autoconsumo, também sofreram e foram perdendo espaço físico e diversidade. A maioria dos entornos das casas, que antes seriam classificados como QAFs, transformaram-se, na melhor das hipóteses, em hortas consorciadas com algumas poucas espécies frutíferas perenes, o que não é suficiente para configurar um Quintal Agroflorestal (DUBOIS, 2007) que exige maior complexidade.

Conclusões

Toda esta problematização conceitual não significa que não encontremos mais QAFs ou SAFs, mas, como mencionado anteriormente, eles são escassos. Vivan (informação verbal⁴) aponta a possibilidade de identificarmos três tipos de SAFs no estado. Os mais antigos são os manejados pelos indígenas, dos quais encontramos resquícios nas matas de araucárias. Há também algumas práticas agroflorestais que resistiram aos processos de modernização, normalmente podem ser reconhecidas em 'quintais' das casas dos colonos e nas comunidades afrodescendentes. Os mais recentes, e talvez encontrados em maior número, são os SAFs incentivados principalmente por ONGs como o Centro Ecológico e o CETAP, desde o final da década de 80. Mais recentemente estas políticas de incentivo foram protagonizadas também por órgãos públicos. Os SAFs quando oriundos destas políticas dificilmente são desenvolvidos na volta da casa e com relação com a moradia, a não ser que as condições de solo ou microclima, por exemplo, favoreçam o sistema de tal forma que não se possa instalá-lo em outro lugar da propriedade.

A proposta, que se espera ter atingido aqui, de problematizar e discutir conceitos tem o objetivo de abrir trazer a temática à tona, facilitando compreensões mais complexas destes agroecossistemas e de quem os desenvolve. Olhar para estes espaços, para além da unidade agrícola, é importante na medida em que permite

3Informação mencionada por Vivan em Palestra proferida no I Seminário sobre Sistemas Agroflorestais organizado pelo Grupo UVAIA de Agroecologia, na Faculdade de Agronomia, em outubro de 2009.

4Informação apontada por Vivan em debate acerca dos Sistemas Agroflorestais para o Rio Grande do Sul, em web conferência proposta pelo Projeto Agroflorestas.

compreender relações socioculturais e ambientais entre os integrantes das famílias e destes com o meio onde vivem.

Referências bibliográficas:

- AGUIAR, M. V. A. **Quintais agroflorestais nos cerrados da morraria** – espaço de construção de biodiversidade nas suas múltiplas dimensões. Disponível em: <<http://www.sct.embrapa.br/cdagro/tema03/03tema17>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- AMARAL, C. N. **Recursos vegetais dos tradicionais quintais de Rosário Oeste – Mato Grosso**. Dissertação - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2008.
- AMOROZO, M. C. M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação de agrobiodiversidade**. 2002. p. 123-131. Disponível em: <http://sma.visie.com.br/cea/files/2011/12/MariaA.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2011
- BERETTA, M. E. **A flora dos quintais agroflorestais de Ibraquera, Imbituba, SC: expressões ambientais e culturais**. Dissertação- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- BRITO, M. A.; COELHO, M. F. B. **Os quintais agroflorestais em regiões tropicais** – unidades autossustentáveis. Agricultura Tropical, Cuiabá, v.4, n.1, p.7- 38, 2000.
- DUBOIS, J. C. Classificação e Breve Caracterização de SAFs e Práticas Agroflorestais. In: DEITENBACH, A. *et al.* (Org.). **Manual Agroflorestal para a Mata Atlântica**. Brasília: Rebraf, 2007.
- FLORENTINO, A. T. N. *et al.* Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta botânica brasileira**, n.21, v.1, p.37-47, 2007.
- FREITAS, C. G. *et al.* Características estruturais e funcionais dos quintais agroflorestais da comunidade quilombola de Abacatal - Pará. Anais do **V Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais**, Curitiba, p. 518-520, 2004.
- GAMERO, V. E. M. *et al.* Análisis agroecológica de huertos caseros tradicionales en Nicaragua. **Agroforesteria en las Américas**, v.3, n.11-2, p.36-40, 1996
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- KUMAR, B.M.; NAIR, P.K.R. (org.). **Tropical homegardens: A timetested example of sustainable agroforestry**. Dordrecht: Springer Science, 2006.
- LIMA, R. M. B. de; SARAGOUSSI, M. Floodplain home gardens on the central Amazon in Brazil. In: JUNK, W.J. *et al.* (eds) **Actual use and options for a sustainable management**. 2000, p. 243-268.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 abr. 2011
- MOLLISON, B. SLAY, R. M. **Introdução à Permacultura**. Austrália: Tagari Publications, 1991.
- MUNIZ, M. F. **A Percepção de Agricultores e Agrobiodiversidade em Quintais no Rio Grande do Sul: expressões da luta por autonomia camponesa**. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.
- NAIR, P K. R. **An introduction to agroforestry**. London: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- _____. Do tropical homegardens elude science, or is it the other way around? **Agroforestry Systems**, vol 53, nº 2, p, 239-245, outubro, 2001.
- VIVAN, J. L. **Agricultura ou Floresta: Princípios de uma interação vital**. Guaíba: Livraria e Editora Agropecuária Ltda., 1998.